



## O universo da saúde no vale do Rio Negro: serviços de saúde e vida cotidiana

Fernando Sergio Dumas dos Santos

Pesquisador Adjunto da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

e-mail: [fdumas@coc.fiocruz.br](mailto:fdumas@coc.fiocruz.br)

### Resumo:

Nenhum dos indicadores de que dispomos para analisar as condições de saúde da população do vale do Rio Negro, a partir das fontes trabalhadas neste estudo, teve origem nas culturas autóctones. Consideramos, então, que o balizamento do sistema de saúde vigente tem sido demarcado através dos conceitos e das noções oriundas da medicina científica. Isto significa que esta definição desenvolveu-se localmente, desde os processos culturais introduzidos no território rionegrino a partir do contato com as sociedades ocidentais.<sup>1</sup> Podemos inferir que o recrudescimento da economia extrativista de fins do

---

<sup>1</sup> Esta mesma noção perpassa o estudo acerca do Baixo Zaire, realizado por John Jazen, ao buscar descrever as condições de saúde existentes no território Manianga. Ele identificou uma série de indicadores, tais como o controle das grandes endemias (malária, doença do sono, tuberculose, entre outras), as taxas de mortalidade e de natalidade, a expectativa de vida, o estado nutricional, a rede hospitalar existente, etc., porém, nenhum

século XIX, com a aceleração do processo de interculturalidade e o contato mais amigável com os segmentos modernizados da sociedade brasileira, tenha marcado decisivamente o referencial caboclo acerca das doenças e do contraponto que se lhe apresentava – a saúde. Foi, contudo, somente no alvorecer do século XX, que as condições de saúde locais ganharam a dimensão de objeto de estudo e de propostas de políticas públicas.

Palavras-chave: saúde pública; história da cultura; práticas cotidianas.

---

deles originara-se na cultura ancestral BaKongo. Janzen, John M. *The quest for therapy: medical pluralism in Lower Zaire*. Berkeley: University of California Press, 1978, pp. 25/32.

## **O universo da saúde no vale do Rio Negro: serviços de saúde e vida cotidiana (Texto completo)**

Este artigo está pautado em minha Tese de Doutorado, intitulada “Os caboclos das águas pretas: saúde, ambiente e trabalho no século XX”, a qual concentrou-se, geograficamente, sobre o Rio Negro, na Amazônia Brasileira.<sup>2</sup> A análise se desenvolve a partir de um conjunto de fontes primárias, dentre as quais destacam-se, em primeiro plano, um conjunto de entrevistas realizadas na área de estudo, em 1995, segundo os parâmetros metodológicos ratificados para a produção de histórias de vida.<sup>3</sup> Além destes relatos, utilizei documentos pertencentes ao arquivo da firma J.G. Araújo & Co. Ltd., depositado no Museu Amazônico, em Manaus.<sup>4</sup> O objetivo é compreender historicamente o universo da saúde constituído no vale do Rio Negro, atentando para as relações entre o referencial caboclo acerca das doenças e os processos culturais introduzidos no território rionegrino a partir do contato mais amigável com os segmentos modernizados da sociedade brasileira.

Em 1912, saía do Rio de Janeiro, contratada pela Superintendência da Defesa da Borracha, uma comissão científica do Instituto Oswaldo Cruz que tinha o objetivo de “determinar as bases em que terá de ser levantada a campanha de saneamento do vale do Amazonas”.<sup>5</sup> A expedição fazia parte de um “movimento pelo saneamento rural, que alcançou grande visibilidade no final do ano de 1910”.<sup>6</sup> Segundo Nísia Lima, tratava-se de “um movimento de caráter amplo, orientado por um nacionalismo que queria resgatar ‘as coisas nacionais’ e livrar o país dos males representados pela doença”.<sup>7</sup> O pensamento nacionalista característico deste movimento orientava o olhar para as mazelas das

---

<sup>2</sup> Santos, Fernando Sergio Dumas dos. *Os caboclos das águas pretas: saúde, ambiente e trabalho no século XX*. Campinas: Unicamp, 2003, 273 p., Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Sidney Chalhoub.

<sup>3</sup> Foram gravadas cerca de 45 horas de depoimentos em vídeo (em média, 75% do total de 60 horas gravadas) e 30 horas em áudio.

<sup>4</sup> Esta empresa foi durante quase um século, a virtual monopolista do comércio de aviamento no Rio Negro. O material consultado constituía-se, principalmente, de correspondências trocadas entre os habitantes do Vale e os negociantes da empresa de Manaus.

<sup>5</sup> Cruz, Oswaldo. *Relatório sobre as condições médico-sanitárias do vale do Amazonas*. Rio de Janeiro, Typographia Jornal do Commercio, 1913, p. 49.

<sup>6</sup> Lima, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan / IUPERJ, 1999, p. 91.

<sup>7</sup> Idem, p. 107.

populações que haviam se fixado longe dos grandes centros político-econômicos do Brasil.<sup>8</sup> Além dos sanitaristas, homens como Euclides da Cunha, que atravessou a Amazônia entre 1904 e 1905 a serviço de uma comissão de reconhecimento territorial, e Cândido Rondon, que construiu as linhas telegráficas entre Cuiabá e Manaus a partir de 1907, trouxeram, para o litoral, notícias de um país desconhecido, abandonado e doente. Ambos faziam, nos seus relatos de viagem, observações sobre as precárias condições de saúde e de vida destas populações.<sup>9</sup>

Nesse contexto, esta Comissão, que era chefiada por Carlos Chagas e integrada pelos pesquisadores Pacheco Leão e João Pedroso, tinha seu foco voltado para as condições de vida, de saúde e de trabalho dos seringueiros. Os responsáveis pela Superintendência de Defesa da Borracha, órgão subordinado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, criado em 1912 para dar respostas à crise instaurada, acreditavam que, dentre outras medidas, deviam-se “instituir procedimentos no sentido de elevar os padrões higiênicos em áreas rurais e urbanas”.<sup>10</sup> Para Oswaldo Cruz,

“das pesquisas relativamente às moléstias reinantes, então, decorrem noções promissórias dos mais belos resultados referentes à profilaxia, o que equivale a dizer que postas em prática, com perseverança, orientação e energia, certas medidas, relativamente fáceis, desaparecerá esse fantasma, que amedronta todos aqueles que se aventuram a correr atrás da fortuna nos alagadiços da Amazônia.”<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> Acerca da interiorização das ações sanitárias, no Brasil de princípios do século XX, e de algumas interpretações sobre este processo, ver, além da obra de Nísia Lima já citada: Benchimol, Jaime L. (coord.). *Manguinhos do sonho à vida: a ciência na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 1990; Thielen, Eduardo V.; Alves, Fernando P.; Benchimol, Jaime L.; Albuquerque, Marli B. de; Santos, Ricardo A.; Weltman, Wanda L. *A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz/Casa de Oswaldo Cruz, 1991; Lima, Nísia Trindade. Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. V (suplemento), pp. 163/193 (julho de 1998).

<sup>9</sup> Cunha, Euclides da. *Um paraíso perdido: reunião dos ensaios amazônicos*. Petrópolis: Vozes, 1976; Rondon, Cândido M. *Relatório da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas*. Rio de Janeiro, Papelaria Macedo, 1920. Ver, ainda, sobre estas viagens: Santana, José Carlos Barreto de. *Ciência e arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais*. São Paulo: Hucitec, 2001; Santana, J. C. B. de. Euclides da Cunha e a Amazônia: visão mediada pela ciência. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VI (suplemento), pp. 901/917 (set. de 2000); Maciel, Laura Antunes. *A nação por um fio. Caminhos, práticas e imagens da “Comissão Rondon”*. São Paulo: EDUC, 1998.

<sup>10</sup> Weinstein, B. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec-EDUSP, 1993, p. 257. Dentre as proposições, destacamos o estímulo ao plantio de seringueiras, a isenção de vários impostos, além da construção de estradas de ferro e de hospedarias para imigrantes.

<sup>11</sup> Cruz, Oswaldo. Relatório. Op. cit., p. 50.

Como se percebe na citação, Oswaldo Cruz defendia uma concepção de saúde derivada, por um lado, de uma crença fortíssima no poder regenerador da ciência e, por outro, numa concepção de saúde do trabalhador, onde esta era vista não apenas como um meio de aumentar a produtividade, mas, também, como uma forma de potencializar a exploração do sobretrabalho dos indivíduos.<sup>12</sup> Em 1910, ele mesmo estivera na Amazônia com o objetivo de produzir um plano de profilaxia contra a malária que grassava nas obras de construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.<sup>13</sup> Chagas, por sua vez, relatou as condições de saúde das populações visitadas no Amazonas. Para ambos, a malária era considerada o principal inimigo desta atividade, e, caso se conseguisse acabar com ela ou pelo menos controlá-la, a produção cresceria de novo e reocuparia a ponta do mercado mundial. As condições de saúde das populações eram determinadas pelas enfermidades que existiam, pela inexistência de assistência médica, pelo tipo de trabalho que executavam e pela alimentação.

As características culturais das comunidades visitadas foram consideradas, no relatório da comissão comandada por Chagas, apenas dentro destes aspectos, e serviam para reforçar “as mais precárias condições da vida humana, talvez sem paralelo em todo o

---

<sup>12</sup> Olhares deste matiz eram cada vez mais comuns entre as classes dominantes das primeiras décadas da nossa República. O Instituto Oswaldo Cruz – centro de pesquisas biomédicas, ensino e produção de soros e vacinas criado em 1900 – se associou a estes esforços, comandando estudos e supervisionando a profilaxia de doenças em obras de infraestrutura no interior do país, como barragens e ferrovias. Foram realizadas, na mesma época em que Carlos Chagas visitou o Vale do Solimões, extensas viagens de investigação científica, como aquelas contratadas pela Inspetoria de Obras contra as Secas, em 1912, e que cobriram boa parte das atuais regiões nordeste e centro-oeste do país. Por sua vez, a expedição liderada por Carlos Chagas realizou um extenso e minucioso levantamento da condição médico-sanitária nos complexos que envolvem os rios Solimões, Juruá/Tarauacá, Acre/Purus e Negro/Branco. Ver: Fonseca Filho, Olympio da. *A Escola de Manguinhos: contribuição para o estudo do desenvolvimento da medicina experimental no Brasil*. São Paulo: Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais”, 1974; Benchimol, Jaime L. (coord.). *Manguinhos do sonho à vida*. Op. cit.; Benchimol, Jaime L. & Teixeira, Luiz Antônio. *Cobras, lagartos & outros bichos: uma história comparada dos institutos Oswaldo Cruz e Butantan*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ / Casa de Oswaldo Cruz, 1993; Luz, Madel (org.). *Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982; Stepan, Nancy. *Gênese e evolução da ciência brasileira: Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica*. Rio de Janeiro: Artenova / Fiocruz, 1976.

<sup>13</sup> Cruz, Oswaldo. *Considerações gerais sobre as condições sanitárias do rio Madeira*. Rio de Janeiro, Papelaria Americana, 1910. Para uma abordagem histórica dos acontecimentos e processos que envolveram a construção da ferrovia, ver: Hardman, Francisco Foot. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

mundo”, segundo a sua avaliação.<sup>14</sup> Com as seguintes palavras, o relatório começava a descrição da seção intitulada “Estudos realizados no Rio Negro”:

“Partiu de Manaus a Comissão para o Rio Negro a 6 de fevereiro de 1913 às 9 horas da manhã. Grande extensão do rio, a partir de Manaus, é inteiramente desabitada, só sendo encontradas de longe em longe pequenas choupanas nas margens. Nem se observa nesse primeiro trecho do rio qualquer aspecto de trabalho, havendo aí ausência absoluta de cultura.”<sup>15</sup>

Segundo este documento, o Rio Negro era o menos produtivo dentre aqueles visitados porque era o que possuía a menor quantidade de trabalhadores brancos, tendo, ainda, a presença de numerosas doenças de ocorrência constante, incidindo sobre grande parte da população. Este conjunto resultaria numa região empobrecida, adoentada, “onde se tem a impressão exata de *um fim da raça*, de um aniquilamento lento e contínuo da vida humana”.<sup>16</sup> Para Chagas, “o índice endêmico pelo impaludismo é elevadíssimo, tanto quanto em qualquer das regiões de maior endemia do Acre, havendo aqui a agravante da ausência absoluta de assistência médica”.<sup>17</sup> Também a ancilostomose apresentava números de casos maiores “do que em qualquer dos outros rios da Amazônia, dos que percorreu a

---

<sup>14</sup> Cruz, Oswaldo. Relatório. Op. cit., p. 121. Para Carlos Chagas, a situação se apresentava da quela maneira “porque apesar de oferecer a mais farta messe de conhecimentos, o vale do Amazonas, nas suas regiões interiores, não tem sido atingido pelas pesquisas da medicina experimental, únicas capazes de trazer esclarecimentos aos problemas de patologia que ali esperam solução” (Ibidem). Ele apresentou, ao final do Relatório, um “Plano geral da campanha sanitária a se empreender no Vale do Amazonas”, o qual nunca foi executado (pp.151/155).

<sup>15</sup> Idem, p. 104.

<sup>16</sup> Idem, p. 114. A expressão grifada aparece assim no original.

<sup>17</sup> Idem, ibidem. Segundo relatou o cientista, era o “Acre o rio campeão da morte”. Para uma abordagem histórica da saúde neste rio, ver: Santos, Fernando Sergio Dumas dos & Muaze, Mariana de A. Ferreira. *Tradições em movimento: uma etnohistória da saúde e da doença nos vales dos rios Acre e Purus*. Brasília: Paralelo 15, 2002. Vale, ainda, observar que a malária é conhecida, ainda hoje, na região, pelos nomes de sezão, impaludismo ou paludismo, sendo corrente, na época de Carlos Chagas, o termo “infecção palustre”. É causada por um parasito, do gênero *Plasmodium*, o qual destrói uma quantidade significativa de glóbulos vermelhos, tornando as pessoas anêmicas. A doença é transmitida pelo inseto vulgarmente conhecido como carapanã, nome local dado, genericamente, a todo tipo de mosquito, designando, inclusive, aqueles do gênero *Anopheles*, transmissores da malária. Estes dípteros da família *Culicidae*, apresentam seu ciclo evolutivo com a parte de imaturos aquática e a fase de adulto alada. São conhecidos também pelo nome popular de mosquito-prego, por causa do aspecto peculiar de seu pouso, assemelhando-se a um prego ao ser fixado. Na Amazônia existem três espécies de plasmódios: *P. malariae* (causador da febre quartã), *P. vivax* (causador da febre terçã benigna, mais branda, com letalidade baixa e um ciclo de 48 horas, cujos acessos febris ocorrem cada três dias e que representa 70% dos casos); e *P. falciparum* (vetor da febre terçã maligna, de alta letalidade, com um ciclo irregular de 36 a 48 horas. Representa 30% dos casos). No princípio, a pessoa pode sentir apenas um mal estar, como se estivesse com gripe. A seguir, surgem os calafrios, febre e muito suor. Para maiores informações acerca da malária, ver: Rey, Luís. Dicionário de termos técnicos de medicina e saúde. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

Comissão”.<sup>18</sup> Entretanto, no tocante ao beribéri, à leishmaniose e a outras afecções vistas nos outros rios, sua frequência foi considerada nula ou próxima disso, em 1913.

Já em 1995, uma investigação clínica detectou a presença de afecções respiratórias, hipertensão, doenças cardiovasculares e obesidade. A tuberculose apresentou-se como outro problema de primeira grandeza, pois, segundo o relatório da equipe interdisciplinar de saúde que visitou o território neste ano, inexistia um sistema eficiente de notificação, não havendo sequer um acompanhamento sistemático de casos conhecidos.<sup>19</sup> Há também as hepatites, que surgem em virtude da falta de educação sanitária e de saneamento básico. As doenças sexualmente transmissíveis (DST) despontam como um novo problema, tendo sido muito citado o corrimento, entre as jovens. De uma forma geral, as DST não são notificadas, e, em sua quase totalidade, as pessoas que contraem estas doenças praticam a automedicação ou procuram amigos e parentes em busca de um tratamento.<sup>20</sup>

Neste contexto, a AIDS surge como uma preocupação. Embora, até aquela época, não houvesse nenhum caso oficialmente registrado, existiam rumores e comentários, que davam conta, por exemplo, de que rapazes estariam utilizando preservativos improvisados – tais como saquinhos de sorvetes ou “camisinhas” manufaturadas com látex – ou de que um cantor amazonense, que havia morrido naquela época com a doença, teria mantido relações sexuais com duas meninas da cidade de Barcelos.<sup>21</sup> Victor Leonardi, ao abordar os fatores de risco de infecção pelos vírus HIV entre as comunidades indígenas do Alto Rio Negro, registra algumas análises que podem, perfeitamente, ser extrapoladas para o Médio Rio Negro. Para ele há uma interconectividade entre as comunidades das cabeceiras do rio e a cidade de Manaus, “um dos centros gravimétricos de casos de Aids na região Norte do Brasil”.<sup>22</sup> Além disso, quase todas elas

---

<sup>18</sup> Cruz, Oswaldo. Relatório. Op. cit., p. 106. A ancilostomose (ou ancilostomíase), popularmente conhecida como amarelão ou opilação, é causada por um verme da classe dos nematóides, o ancilóstomo, sendo mais comum na Amazônia a espécie *Necatur americanus*. Este verme vive na terra e penetra o corpo, perfurando a pele, para se alojar no intestino humano. Causa anemia profunda. Ver: Rey, Luís. Dicionário. Op. cit.

<sup>19</sup> Fundação Oswaldo Cruz et alli. Relatório de trabalho do projeto ‘Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas: da borracha à biodiversidade. Viagem pelos vales dos rios Negro e Branco, entre 01 de agosto e 09 de setembro de 1995. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1995 [dig.].

<sup>20</sup> Idem.

<sup>21</sup> Sobre a questão da AIDS na Amazônia, ver o importantíssimo trabalho de Leonardi, Victor P. de B. *Fronteiras Amazônicas do Brasil: saúde e história social*. Brasília: Paralelo 15, 2000. Principalmente o capítulo 7, que trata especificamente da região do Alto Rio Negro.

<sup>22</sup> Leonardi, Victor P. de B. *Fronteiras Amazônicas do Brasil*. Op. cit., p. 92.

“sofreram algum tipo de impacto, maior ou menor, devido à expansão da economia de mercado no interior do município de São Gabriel da Cachoeira nas duas últimas décadas (...), pois o ouro dos garimpos inflacionou os preços de mercadorias industrializadas”.<sup>23</sup>

Foram observados, também, muitos casos de gravidez precoce. Em relação a este fato, deve-se levar em conta que os jovens desta região, sob forte influência dos costumes autóctones, iniciam a vida sexual bastante cedo. O que desponta como um fato novo é que, hoje, há dificuldades para usar os meios de contracepção tradicionais da região (dentre os quais tem destaque a cabacinha, uma planta nativa de grande poder abortivo), além de não possuírem acesso às informações da medicina ocidental sobre o assunto. Seja por falta de disponibilidade de produtos anticoncepcionais, seja por falta de dinheiro para adquiri-los ou por desinformação, o fato é que é necessária a formulação de políticas voltadas para as distinções regionais e culturais dos grupos populacionais.

Quanto ao atendimento hospitalar, Carlos Chagas destacou as diferenças existentes entre o Rio Negro e os rios que produziam borracha em grandes quantidades:

“De fato, ao passo que no Acre encontram-se alguns centros populosos de bastante prosperidade, onde os doentes, uma vez que possuam recursos pecuniários, podem procurar elementos de tratamento, no Rio Negro, em todo o seu percurso, não é encontrado um único médico nem uma única farmácia. Daí a morbidez total de seus habitantes entre os quais dificilmente se encontra um sem os sinais de infecção palúdica crônica. Daí ainda o despovoamento quase total das pequenas vilas existentes nas margens dos rios, vilas outrora de alguma prosperidade e agora em ruínas, pelo extermínio quase completo de seus habitantes. E ainda aí essa indolência e esse aspecto de profunda decadência orgânica que se observam nas populações do Rio Negro”.<sup>24</sup>

A prepotência cultural de Carlos Chagas, além de seu completo desconhecimento acerca dos modos de vida da população rionegrina, levaram-no a imputar à ausência dos valores, dos elementos e das instituições da medicina científica, o fato de que as pessoas

---

<sup>23</sup> Idem, p. 98.

<sup>24</sup> Cruz, Oswaldo. Relatório. Op. cit., p. 114.

não morassem nas vilas ou em centros populosos. Também lhe era difícil reconhecer as marcas de costumes indígenas presentes nos hábitos e práticas da população. A indolência não era mais aquela decantada pelo romantismo do século XIX; ela agora derivava das condições de morbidade, clínica e laboratorialmente comprovadas, as quais impunham, segundo esta lógica, um “aspecto de profunda decadência orgânica”. Nada mais distante da realidade que mostramos até aqui. No entanto, nesta citação encontramos um dado de grande relevância para compreendermos o quanto o mundo do trabalho suscitava diferenças sociais entre as pessoas, em relação ao sistema de saúde. É na passagem em que diz que, nos prósperos lugarejos do Acre, “os doentes, uma vez que possuam recursos pecuniários, podem procurar elementos de tratamento”.

Ou seja, somente os indivíduos que podiam pagar, tinham acesso ao médico e ao medicamento farmacêutico. No Rio Negro, esta prática prevaleceu durante o período estudado. Como nos contou Seu José Tomé de Souza – que passara sessenta, dos seus oitenta e quatro anos de vida, vivendo e trabalhando fora das sedes municipais (“no interior”, como eles dizem) –, o freguês

“dá lá o jeito deles. Com remédio do mato, e do jeito que dá. Quando o freguês deve, o patrão não liga pra sua doença: ‘Morre e não me paga o que deve’.”<sup>25</sup>

Entretanto, os aviadores internos que possuísem saldo positivo em suas contas com o aviador principal, ou aqueles que desfrutassem de sua confiança, poderiam enviar seus parentes e empregados doentes para tratamento em Manaus. Foi o caso de Miguel Baptista Porfírio, que, em sua missiva de setembro de 1891, dizia:

“Neste portador segue o meu filho João Baptista Porfírio que se acha bastante doente, espero que os amigos me prestem o seu auxílio não só no seu tratamento como n'alguma coisa que ele possa necessitar. Peço-lhe mais que o seu tratamento seja feito pelo Dr. Jonathas Pedroso.”<sup>26</sup>

E Porfírio não apenas mandou o filho ser tratado na capital, como escolheu o médico que deveria cuidar dele. Sete anos mais tarde, Fachina Souza mandaria um empregado de volta para sua terra natal, no Ceará. Em correspondência à firma J. G.

---

<sup>25</sup> Entrevista com o Sr. José Tomé de Souza, de Barcelos, em 17/08/95 (CNB 50).

<sup>26</sup> Pasta 456, carta de Miguel Baptista Porfírio e Cia, no Barracão Vista Alegre, em 21/09/1891.

Araújo, ele pedia que fosse entregue a Raimundo da Silva, em Manaus, a quantia de dois mil contos de réis, justificando a solicitação com a informação de que este estaria doente.<sup>27</sup> A presença perene de médicos, no Rio Negro, é um dado que surge somente nas últimas décadas do século XX, exigindo, portanto, um deslocamento dos indivíduos, no mínimo, até Manaus. No entanto, conforme relata Arthur Reis,

“as remessas de enfermos para Manaus ou Belém nos ‘gaiolas’ e lanchas nem sempre surtiam efeito. Às mais das vezes os doentes faleciam em viagem e eram enterrados nos barrancos dos rios”.<sup>28</sup>

Se o atendimento médico-hospitalar era inexistente em 1913, oitenta anos depois era, ainda, bastante precário, tendo se originado de ações isoladas da Igreja e do Estado, entre as décadas de 50 e 60. As modificações introduzidas no decênio seguinte, quando o projeto de ocupação militar das fronteiras chegou a São Gabriel da Cachoeira, delinearum um novo tipo de intervenção. Três unidades de assistência hospitalar (São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel e Barcelos) passaram a ser geridas e mantidas pelos governos estadual e federal, no território analisado.<sup>29</sup> No entanto, à exceção do Hospital Militar de São Gabriel, ainda não fora possível fixar médicos nas cidades, havendo despreparo e desinformação dos outros profissionais para lidar com o particular quadro de saúde local.<sup>30</sup>

Contudo, algumas alternativas interessantes possuem significado e eficácia mais duradoura. A formação de agentes de saúde comunitários, por exemplo, representa um maior envolvimento da sociedade com as políticas públicas, responsabilizando indivíduos, indicados pelas suas próprias comunidades, pela execução de ações primárias de saúde. Isso vem a dar cara e nome a estas ações. Assim, o agente de saúde torna-se responsável por um

---

<sup>27</sup> Arquivo J. G. Araújo: Pasta 632, carta de Fachina Souza, da Bocca do Castanho, em 16/02/1898. Em 1935, o fato se repete com a irmã de João S. Mattos Ribeiro, Jeny Ribeiro, que seguiu para Manaus, em companhia da mãe, D. Horeminda Ribeiro, em busca de tratamento médico, pois se achava “bastante doente”. O missivista diz, ainda, que “pelo motivo espero se preciso for de fornecerem a mesma o que ela necessitar e levarem a m/ debito, pelo qual antecipadamente sumamente lhes agradeço”. Arquivo J. G. Araújo: Pasta Correspondências Comerciais (novembro/dezembro de 1935), carta de João S. Mattos Ribeiro, de S. João, em 10/12/1935.

<sup>28</sup> Reis, A. C. F. *O seringal e o seringueiro*. Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 1997, p. 263.

<sup>29</sup> Ao longo de todo o trajeto, a expedição de 1995 realizou cerca de cem atendimentos clínicos emergenciais, aí incluídos os casos da Unidade Mista de Santa Isabel, ‘assumida’ pelos clínicos da expedição porque o último médico que ali havia se ‘fixado’ havia abandonado o posto há uma semana. Cf.: Fundação Oswaldo Cruz *et alli*. *Relatório*. Op. cit., p. 39; Santos, Fernando S. Dumas dos *et alli*. *Revisitando a Amazônia. Expedição aos rios Negro e Branco refaz o percurso de Carlos Chagas em 1913*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, 1996, p. 66.

<sup>30</sup> Fundação Oswaldo Cruz *et alli*. *Relatório*. Op. cit., p. 42.

pequeno posto de atendimento e por uma pequena farmácia, onde se encontram, quase sempre, analgésicos e anti-maláricos fornecidos pelo governo. Esta pessoa agrega tarefas como a vacinação, alguns exames laboratoriais, e, inclusive, orientações quanto à prevenção de doenças. No contexto da vida cotidiana, que se desenrola nas comunidades visitadas, o sentido emprestado pelas populações à figura do agente de saúde é o de autoridade em saúde.

Um outro aspecto normalmente ressaltado nas avaliações de condições de saúde é o nutricional. Vale ressaltar que se trata de uma sociedade onde a vida é o próprio trabalho, e na qual, seguindo ainda o modo de organização do trabalho dos povos indígenas, são as mulheres que, geralmente, se responsabilizam pela roça, pelo rancho e pela casa. Cuidar da alimentação, então, é uma tarefa básica de subsistência e os vínculos estabelecidos tradicionalmente entre a alimentação e o processo saúde/doença sofrem esta mediação. Por outro lado, o que se come e o que se bebe influi, obviamente, no estado de saúde do indivíduo, e este conhecimento era dominado pelas populações rionegrinas, desde os saberes ancestrais nativos. Para além de conexões específicas, que possuem artes de fazer-se próprias, há interpretações vislumbrando um problema no costume alimentar usual do caboclo.

Assim, a professora Maria Madalena Gama – que já residia em São Gabriel da Cachoeira há vinte e três anos, quando foi entrevistada – foi clara ao ser indagada sobre quais eram os principais problemas de saúde da região: “É mais diarreia, devido à alimentação”.<sup>31</sup> Ora, o alimento básico do caboclo é a mandioca, principalmente a farinha, – que acompanha o peixe ou a carne, e com a qual se faz o chibé, misturando-a à água e acrescentando um pouquinho de sal e/ou açúcar, quando há. E as roças são sempre de mandioca, embora, em alguns sítios, haja plantações de outras coisas, também, principalmente banana e feijão. A atribuição de uma conotação negativa a estes hábitos, independentemente do grau de acerto – em termos médicos – da observação, é, portanto, um dado exterior às comunidades caboclas, advindo do modo de pensar que prevaleceu no processo de construção da sociedade nacional brasileira. Isto é, a visão que se expressa na fala citada corresponde ao ponto de vista das classes dominantes, estampados no senso

---

<sup>31</sup> Entrevista com D. Maria Madalena Gama, em São Gabriel da Cachoeira, em 05/08/1995 (CNB 02).

comum popular, no Brasil, o qual, historicamente, penetrou com mais força, no território estudado, apenas nos últimos trinta anos.

Os discursos e suas entrelinhas mostram a permanência de traços culturais importantes, como o costume de se falar em *nheengatu* (a língua geral introduzida pelo colonizador português), a prática generalizada do cultivo familiar da roça de mandioca, ou o hábito de fazer e consumir o *caxiri* (bebida fermentada, à base de mandioca) nas festas. Como diz José de Souza Martins, “há nestas persistências muita coisa parecida com cenários e modos de vida do passado: paisagens, fugas, medos, linguagem, lendas, histórias, mentalidades, classificações e diferenciações de coisas e pessoas”.<sup>32</sup> No entanto, aquilo que parece é, na realidade, “substantivamente diferente”, pois “essas formas antigas e muitas vezes arcaicas sobrevivem mediadas por outras relações sociais fundamentais”, muito díspares daquelas que vigoraram no passado. Assim, “a forma pode ser a mesma, mas o significado é, no geral, inteiramente outro”.<sup>33</sup>

Embora Martins esteja correto em sua assertiva, verificamos, também, transformações importantes nos modos de vida. Assim, a partir da pesquisa nas fontes, percebemos que, quando os homens partiam para os locais de extração e coleta, fora dos sítios onde residiam, eles deixavam de contar com a produção doméstica de farinha para o seu rancho cotidiano. Bom exemplo disso é a correspondência de Joaquim Gonçalves de Aguiar que pede, à firma J. G. Araújo, para lhe confirmar se eles “podem nos fornecer mensalmente 100 paneiros de farinha do Maranhão”.<sup>34</sup> Isso não quer dizer que durante o período de auge da produção de borracha natural amazônica (1890/1920) não houvesse, no Médio Rio Negro, produção de farinha, como aconteceu em outras áreas da Amazônia.<sup>35</sup> Prova disso é a carta de Simplicio R. Palmella, expedida de Barcelos, em 1899, na qual ele

---

<sup>32</sup> Martins, José de Souza. A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: Novais, Fernando A. (coord. Geral); Schwarcz, Lília M. (org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998, p. 664.

<sup>33</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>34</sup> Arquivo J. G. Araújo: Pasta 636, carta de Joaquim Gonçalves de Aguiar, de Vista Alegre, em 10/10/1899. Além do avô de D. Alda, outros comerciantes internos solicitavam farinha neste período, como Eduardo Saraiva de Mello Brandão, que solicitou “15 ou 10 encapados de farinha” ao aviador principal, recomendando: “Se não trouxerem farinha queiram ter a bondade de ver se a arranjam com outra pessoa, pois não tenho nenhuma em casa” (Arquivo J. G. Araújo: Pasta 500 - Correspondências Comerciais – fevereiro de 1893, carta de Eduardo Saraiva de Mello Brandão, de Barraca no Pataná, em 11/02/1893).

<sup>35</sup> Ver, por exemplo: Weinstein, B. *A borracha na Amazônia*. Op. cit., que trabalhou, principalmente, com informações relativas aos seringais do Pará. Ver também: Santos, Fernando S. Dumas dos & Muaze, Mariana A. F. *Tradições em movimento*. Op. cit., onde analisamos os vales dos rios Acre e Purus, nos estados, respectivamente, do Acre e Amazonas.

comunica que não necessita mais da farinha pedida, pois “aqui me arranjaréi”.<sup>36</sup> Daí se depreende que não apenas existia uma contínua produção deste gênero, como ela era feita em quantidades suficientes para gerar um excedente comercializável.

Nesta época, os seringais importavam de tudo. O Sr. Domingos da Costa Soares, por exemplo, morador de Airão, no Baixo Rio Negro, solicitava, “para eu [sic] levar para o seringal”, açúcar, carne, vidros de Maravilha e arnica em garrafas.<sup>37</sup> Compõem esta relação, dois tipos de alimentos e dois de remédios. Por sua vez, José Alves de Oliveira enviara um pedido muito mais sofisticado, que incluía materiais de uso doméstico, tais como peças de pano, redes para dormir, conjuntos de agulhas para máquinas de costura e fósforos, além de remédio (pílulas de Capper) e alimentos: café, lombo de porco, chocolate, azeite e tripas.<sup>38</sup> Dois anos depois, o documento (citado anteriormente) de Eduardo Saraiva de Mello Brandão recomendava num *post scriptum*: “Se levar cachaça me deixe também 1 barril”.<sup>39</sup> Outros documentos, e não apenas relativos ao Rio Negro, apontam nesta mesma direção.<sup>40</sup>

Carlos Chagas observou, anos mais tarde, que a alimentação dos trabalhadores no seringal comandado por Joaquim Gonçalves Aguiar, “como nos outros do Rio Negro, é principalmente constituída pela carne seca e pela farinha d'água, sendo aí subsidiário importante o peixe, sobretudo o pirarucu, abundante neste ponto do rio”.<sup>41</sup> Dias depois, em Laranjal, ele emitiria um rigoroso juízo de valor acerca do que vira:

“Também os seringueiros ficam nesta zona inteiramente ao desabrigo de qualquer recurso medicamentoso, em condições de vida as mais

---

<sup>36</sup> Arquivo J. G. Araújo: Pasta 635, carta de Simplicio R. Palmella, de Barcelos, em 08/08/1899.

<sup>37</sup> Arquivo J. G. Araújo: Pasta 452, carta de Domingos da Costa Soares, de Airão, em 02/08/1891.

<sup>38</sup> Arquivo J. G. Araújo: Pasta 464, carta de José Alves de Oliveira, de Moreira, em 23/10/1891. A relação tal como aparece no documento é a seguinte: 4 peças de pano azuis; 3 peças de pano doméstico; 3 redes fio da Bahia nº 4 e 5; 10 papéis d'agulhas para máquinas Singer e Domestica; 1 lata com fósforos; 6 jardas de café Beirão; 10 caixas de pílulas de Capper; 10 latas de lombo de porco; 10 latas de chocolate; 3 latas com azeite 6 litros; 3 jardas de Sedlitz Chanteaud [sic]; 4 dúzias de cordas de tripas – primas e segundas.

<sup>39</sup> Arquivo J. G. Araújo: Pasta 500 - Correspondências Comerciais – fevereiro de 1893, carta de Eduardo Saraiva de Mello Brandão, de Barraca no Pataná, em 11/02/1893.

<sup>40</sup> Em outra missiva, Luiz José de Faria pediu a remessa de 10 barricas de farinha de trigo; 4 baús de cachaça; e 3 meias barricas de açúcar. A inscrição “por canoa”, no alto da carta, indica o meio de transporte desta mercadoria (Arquivo J. G. Araújo: Pasta 452, carta de Luiz José de Faria, de Manacapuru, em 09/08/1891). E, ainda no mesmo mês de agosto, José Francisco Coelho, assinando como responsável pela firma Souza e Cia., de Boa Vista (no Alto Rio Branco, afluente da margem esquerda do Negro), reclamava de diferenças no cálculo de faturas referentes a 150 sacos de sal; 8 barricas de pólvora; 1 caixa de papel pequena; 2 cortes de casimira; e 1 rifle (Arquivo J. G. Araújo: Pasta 452, carta de José Francisco Coelho, de Boa Vista, em 21/08/1891).

<sup>41</sup> Cruz, Oswaldo. Relatório. Op. cit., p. 108.

precárias, de regra com alimentação deficientíssima, limitada à carne seca, à farinha de água e ao pirarucu”.<sup>42</sup>

A partir dos anos 20, configurou-se um outro panorama, em relação aos padrões de consumo da população. O empobrecimento da região amazônica, a drástica diminuição da circulação monetária e a conseqüente saída de cena de inúmeros comerciantes levaram a um novo movimento de adaptação das práticas cotidianas. Fica claro que este momento teve diferentes repercussões entre as classes abastadas de comerciantes e os caboclos que vendiam sua força de trabalho, tendo revelado uma queda de padrões de vida muito mais acentuada entre os primeiros.<sup>43</sup> Para alguns autores, “foi nesse período que vieram amadurecendo os elementos de uma cultura e de um estilo de vida regional”.<sup>44</sup> Pode-se mesmo dizer que a cultura cabocla, do modo como a vivenciamos, ainda hoje, em grande parte da Amazônia, concretizou seus contornos definitivos no período que vai do final da década de 1910 até os anos 40, mais ou menos.

Duas características sobressaíram no período: de um lado, a chamada “decadência” propiciou uma “maior autonomia e margem de manobra produtiva para a população extrativista e camponesa, que retirava grande parte de seu sustento do contato direto com espaços florestais de uso comum”,<sup>45</sup> consolidando o padrão alimentar encontrado até hoje e que tem, na mandioca e no peixe, suas principais iguarias. Por outro, o baixo preço da borracha e dos demais produtos florestais explorados na região gerou uma restrição na circulação de dinheiro e, mesmo, na sua obtenção, havendo o que poderíamos considerar uma regressão (em termos de padrões de circulação de mercadorias) para uma espécie de “economia de trocas”, alimentada pela relativa liberdade no uso de terras para as roças familiares de subsistência e na comercialização da produção excedente.

Mesmo assim, identificamos grandes e diversificados pedidos, condizentes com os do período da “ilusão do fausto”, como este de 1940, feito por telegrama, solicitando que a firma J. G. despachasse, de Manaus, pelo “vapor [de] janeiro [as] mercadorias seguintes: 10

---

<sup>42</sup> Idem, p. 109.

<sup>43</sup> Ver: Weinstein, B. *A borracha na Amazônia*. Op. cit.; Loureiro, A. J. S. *Tempos de Esperança (1917-1945)*. Manaus: Ed. Sérgio Cardoso, 1994; Wolff, C. S. *Mulheres da floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999.

<sup>44</sup> Ver, por exemplo: Pádua, José Augusto. Biosfera, história e conjuntura na análise da questão amazônica. In: *História, Ciências Saúde – Manguinhos*, vol. VI (suplemento), 793-811, setembro 2000, pp. 803/804.

<sup>45</sup> Idem, p. 804.

sacas de sal; 5 caixas Brahma; 5 caixas cachaça Papafogo; uma caixa Quinado Gernada; 1/2 cx. álcool; 3 cx. Querozene [sic]; 1/2 cx cebolas; 1 arroba tabaco; 50 kg charque; 2 barricas bolacha Amazonas; 1 de rosca Barão; 2 latas biscoito Maria [sic]; 8 kg caba; 50 maços de fósforos; 1 saca café Muka; 3 sacos açúcar; 2 sacos milho; 4 milheiros cigarro Vitor; 2 de Margarida; Dois de Helmo [sic]; 1 cx. Cornerbeef; 1 Leal Santos; 25 latas lombo porco; 25 de goiabada; 20 de manteiga; 25 latas chocolate 1/2 kg em pó; 1 lata bombom; 1 dz. terçados 127 Tubarão; 2 dz. facas domésticas 6 e 7 pol.; 12 panelas sortidas; 3 kg linha espinhel; 100 anzóis n. 3; 1 lata de agulhas Garibaldi; 1 groza [sic] linha; 6 cx. botões Jarina; 2 talonários segunda via; 1 livro conta corrente 200 fls.; 4 peças brim Jofre; 3 ditas brim regular cor; uma pano azul; 2 mescla; 4 chetone; 2 zefir; 3 morim; 1 chapéu massa preto n. 56 ate 35\$000 [trinta e cinco mil réis].<sup>46</sup> Este quadro, de modo geral, no Rio Negro, não se alterou até os anos 70, entre a classe de comerciantes. Por outro lado, corroborando a hipótese de que entre os trabalhadores extrativistas o padrão de consumo era bem mais simples, temos o depoimento de Seu Nilson, comparando a alimentação a que ele teve acesso no tempo em que era criança, e em 1995:

“Não senhor. No tempo da borracha, ninguém usava estas coisas. O alimento do caboclo do interior era apenas o peixe com água e sal, nada mais. Hoje, as coisas estão mais adiantadas, então, aqui, o pessoal já consome um arrozinho, um café, açúcar. Naquele tempo, tomava um café assim, quando tinha reunião. Só em festa, só em festa que o pessoal tomava algum café. Mas hoje há mais facilidade para nós, então se consome esses alimentos agora. O leite, o café.”<sup>47</sup>

Através desta fala é possível datar uma modificação na conjuntura econômica para as classes trabalhadoras. Foi somente quando o Projeto Calha Norte passou a ser implementado, concretamente, como parte das estratégias constantes do contexto da doutrina de segurança nacional dos governos militares pós-64 brasileiros, que as transformações se aceleraram. Tendo em São Gabriel da Cachoeira um de seus pilares principais, este projeto oficial iniciou uma espécie de transição para uma modernidade estreitamente vinculada à sociedade industrial e urbana brasileira. As transformações que se

---

<sup>46</sup> Arquivo J. G. Araújo: Pasta sem código, telegrama (Dep. de Correios Telégrafos) de Heráclito Lima, de São Gabriel, em 17/12/1940.

<sup>47</sup> Entrevista com o Sr. Nilson Nogueira da Cruz. Op. cit.

instauraram, desde então, no cotidiano daquela gente vêm exercendo pressões sobre hábitos, costumes e tradições, sobre modos de viver e de produzir. Essa movimentação sociocultural incorre em situações novas e dinâmicas, que geram novos agravos à condição de saúde. Assim, se no tempo em que Seu Nilson era criança “o alimento do caboclo do interior era apenas o peixe com água e sal”, acrescido da farinha, obviamente, na década de noventa a dieta se modificara, como se depreende deste diálogo com D. Alda:

“O que come um desses seus fregueses, lá dentro do piaçaval, todo dia?

Para dizer ao certo, o que Deus dá. Porque ele não cria... Ele leva um pequeno rancho, um café, um açúcar, um arroz, um feijão. Ele adora um feijão, mas sabe o que acontece, ele não gosta de cozinhar feijão. Acha que gasta muito carvão, gasta muita lenha e perde muito tempo. Eles caçam, pescam, para poderem sobreviver no trabalho”.<sup>48</sup>

O depoimento de Seu Francisco, apresentado no final do capítulo anterior, aponta para a dimensão mais dura do cotidiano dos caboclos pobres, a qual ainda era visível no final do século XX. Relembrando, ele dizia que:

“eles [o pessoal que ainda vive na mata] pegam o rancho do patrão, se metem na mata, quando é no final, que eles terminam o rancho, às vezes eles adoecem, ou então, ele vai para algum local que não tem algum produto, ele volta quando chega, o produto que ele conseguiu tirar não dá pra pagar o rancho que ele levou”.<sup>49</sup>

Embora, evidentemente, o trabalho mais pesado, dentro da cadeia produtiva da indústria extrativista, estivesse a cargo deste segmento social, entre os aviadores internos – pequenos ou grandes comerciantes – não reinava uma atmosfera de ócio. Principalmente após o período de auge, e na mesma medida em que caíam os preços dos produtos da floresta, os membros da família eram recrutados para tarefas produtivas.<sup>50</sup> A partir dos dados difusos que conseguimos reunir, nas fontes analisadas, foi possível observar uma

---

<sup>48</sup> Entrevista com D. Alda de Aguiar Cardoso. Op. cit.

<sup>49</sup> Entrevista com o Sr. Francisco da Silva Vieira. Op. cit.

<sup>50</sup> Utilizando a conceituação proposta por Carlos Teixeira, estas tarefas produtivas incluíam tanto a geração de meios de vida (o cuidado com a roça ou a produção de farinha, por exemplo), quanto as atividades típicas da produção (como a defumação das gomas coletadas ou o auxílio na amarração das fibras, por exemplo). Ver: Teixeira, C. C. *O aviamento e o barracão na sociedade do seringal (estudo sobre a produção extrativa de borracha na Amazônia)*. São Paulo: USP, 1980 (Dissertação de Mestrado), p. 152.

certa distinção entre o modelo familiar dos grupos de comerciantes, principalmente aqueles que descendem diretamente dos portugueses, e um outro, preponderante entre as classes populares. Para as comunidades rionegrinas, a imbricação dos processos familiares com as atividades produtivas é total. Independentemente da classe ou da situação social, as tarefas domésticas apresentaram-se, sempre, como imprescindíveis à manutenção e à reprodução do grupo familiar. Isto indica uma tendência à movimentação de todo o grupo, fato justificado por um suposto aumento da produtividade nas tarefas em decorrência do auxílio de pessoas da família, tanto do ponto de vista da manutenção física dos trabalhadores, quanto da execução de pequenos serviços secundários, porém básicos, para um bom desempenho econômico.<sup>51</sup> Na casa de D. Alda, por exemplo, já por volta dos anos quarenta, todos estavam envolvidos nessas ações:

“Cada qual saía para os seus afazeres. Meu pai trabalhava muito no campo. Seis horas ele já estava no campo, com o terçado, foice, o alvião... E nós, eu, até treze anos, eu tinha a minha irmã, eu sou gêmea. Quando era seis, seis e meia, sete horas, nós levávamos a bandeja com o café da manhã para o meu pai, no campo. Quando nós chegávamos lá e deixávamos a bandeja, a gente já tinha tomado o nosso. Ele dizia: ‘Bem, vou tomar o meu café, e vocês vão juntar o capim’, que a nossa tarefa era aquela. Nós juntávamos o capim com o ancinho até terminar, e ele acabava de tomar o café, e a gente voltava com a bandeja prá casa. Nove horas, nós íamos levar a merenda prá ele lá, e fazer a mesma tarefa. Quando era dez e meia, onze horas, a gente já voltava, e trazia um cajuzinho na mão, quando tinha. Já vinha para tomar banho. É muito gostoso, a gente sentar, tomar uma merenda, numa sombra, no campo, é muito delicioso.”<sup>52</sup>

Vale lembrar que ela era herdeira, pelo lado materno, de um dos principais patrões do Rio Negro, e que seu próprio pai era, também, um patrão. Somente por isso, ele realizava suas tarefas tão próximas de casa, o que permitia às filhas levar-lhe o lanche e o auxiliarem. Os locais onde os patrões fixavam suas residências dispunham, normalmente, de ampla área plana cultivável no seu entorno. Vejamos a descrição feita por Carlos

---

<sup>51</sup> Ver: Entrevista com o Sr. Maurício Menezes. Op. cit.

<sup>52</sup> Entrevista com D. Alda de Aguiar Cardoso. Op. cit.

Chagas, duas décadas antes do tempo de infância de D. Alda, da residência que encontrou em Laranjal:

“É esta residência muito confortável, sem dúvida, a melhor que a Comissão viu no interior do Amazonas. (...) Ocupa-se o proprietário com a exploração de borracha em seringais situados em rios afluentes do Negro, e no Laranjal trata de agricultura e de criação”.<sup>53</sup>

As famílias das classes dominantes locais estruturavam-se de forma “próxima aos padrões patriarcais” – como bem salientaram Mello & Novaes, desde a citação de Antonio Candido.<sup>54</sup> Centradas no núcleo conjugal principal – constituído pelo patriarca, sua esposa e os filhos –, seus perfis abarcavam, ainda, parentes próximos – tais como os genros, noras e, às vezes, irmãos e cunhados –, além de alguns agregados – no mais das vezes, empregados não aparentados que desempenhavam as atividades administrativas do extrativismo. É interessante, contudo, ressaltar que esses núcleos familiares constituíram-se, originalmente, desde relacionamentos estáveis entre os homens que comandavam o comércio dos produtos extraídos na região e mulheres descendentes dos numerosos grupos indígenas locais. Carlos Chagas, em 1913, já percebera este fato, observando ainda, que “as crianças, filhas de gentias e por elas educadas, primeiro aprendem e usam de preferência a língua materna [o *nheengatu* ou língua geral]”.<sup>55</sup>

Em seu relatório, o cientista destacava, em relação às classes que empenhavam seu trabalho concreto no corte e coleta dos produtos extrativos, que os trabalhadores do Baixo Rio Negro residiam “muitos deles para cima, aquém e além de São Gabriel”.<sup>56</sup> Assim, como vimos anteriormente, o engajamento na indústria do extrativismo representava, no território estudado, longos deslocamentos, que levavam, às vezes, quatro dias ou mais. Os caboclos saíam da sua área de habitação, dos seus sítios, para trabalhar na extração, e, uma vez lá, cumpriam uma rotina determinada pelas tarefas que tinham que desempenhar. Quase

---

<sup>53</sup> Cruz, Oswaldo. Relatório. Op. cit., p. 108.

<sup>54</sup> Antonio Candido. Apud: Mello, J. M. C. de; Novaes, F. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: Novaes, F. (coord. geral) e Schwarcz, L. M. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 576. A noção de “família patriarcal” que empregamos compreende o modelo familiar como uma permanência colonial, a qual reflete hábitos cotidianos, métodos de trabalho, além da própria relação entre o povo e o poder público, vigentes no Brasil até meados do século XX, para ficarmos com a periodização proposta por Mello & Novaes (Op. cit.).

<sup>55</sup> Cruz, Oswaldo. Relatório. Op. cit., p. 112.

<sup>56</sup> Idem, p. 110.

todos os relatos acerca das condições do trabalho extrativista reportam a necessidade de o freguês se embrenhar nas áreas de produção por quatro ou cinco meses de dura labuta, ou seja, durante todo o período necessário para satisfazer a expectativa de produção acordada com o patrão no momento do aviamento.<sup>57</sup> Para Eduardo Galvão, ao longo do tempo, os núcleos tribais tenderam “a fragmentar-se em centros de população mista, ou a rarefazer-se nos chamados ‘sítios’, mantidos e ocupados por um grupo doméstico”.<sup>58</sup> Ele percebeu, ainda, que, na década de 1950,

“a participação cada vez mais imperativa de indivíduos nas várias formas de atividade econômica regional, sobretudo na indústria extrativa, leva à dispersão dos sibs e à quebra de padrões de solidariedade entre membros do mesmo grupo de parentesco”.<sup>59</sup>

As anotações do Major Boanerges de Souza, referentes ao ano de 1928, apontam neste mesmo sentido, como se depreende da informação de que no dia quatro de setembro ele verificara a existência, em Tauapessaçu, de uma dúzia de casas “e população inferior a 100 almas”.<sup>60</sup> Percebe-se, então, que o modelo familiar destas classes sociais, desde a forma de habitar, até as práticas que lhe são concernentes – como os casamentos (acima destacados) ou a divisão das tarefas produtivas – mantém fortes nexos com o seu passado histórico, ou seja, com os modos de viver autóctones.<sup>61</sup> Forjado pela assimilação e pela adaptação dos elementos do cotidiano presentes nas relações entre as pessoas, na organização sócio-produtiva da comunidade e nas tradicionais maneiras de viver dos

---

<sup>57</sup> Ver, por exemplo: Entrevista com o Sr. Alberto Araújo. Op. cit.; Entrevista com D. Alda de Aguiar Cardoso. Op. cit.; Entrevista com o Sr. Maurício Menezes. Op. cit.

<sup>58</sup> Galvão, Eduardo. Encontro de sociedades. In: Galvão, E. *Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 265.

<sup>59</sup> Galvão, E. Aculturação indígena no Rio Negro. In: Galvão, E. *Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil*. Op. cit., p. 175. O autor cita o exemplo da comunidade de Campina, na qual “estão reunidos vários sibs Baniwa, Pirátapiuas, Tariana e Tukano. As regras exogâmicas que aí prevalecem, transferiram-se dos sibs para as tribos, isto é, um Baniwa evita cônjuge de sibs dessa tribo, preferindo um que seja de descendência Tariana ou Tukano” (p. 174). Ele afirma, ainda, que este processo já havia sido identificado em meados do século XIX, na expedição de Alfred Wallace (ibidem).

<sup>60</sup> Souza, Boanerges Lopes de. *Do Rio Negro ao Orenoco (a terra – o homem)*. Rio de Janeiro: Min. da Agricultura/CNPI, 1959, p. 13.

<sup>61</sup> Galvão verificou, em relação a alguns grupos Baniwa, que os homens adultos deslocavam-se, durante o ano, para as áreas de produção, “e somente as mulheres e os mais jovens permanecem [nos sítios] para a colheita da mandioca” (Galvão, Eduardo. Índios e brancos na Amazônia brasileira. In: Galvão, E. *Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil*. Op. cit., pp. 286/287). Esta prática coaduna-se ao cotidiano das aldeias tradicionais, onde os homens adultos são os responsáveis pela provisão da comunidade, ficando a cargo das mulheres e dos jovens curumins e cunhãs as tarefas cotidianas de manutenção da aldeia.

grupos envolvidos, este modelo foi se consolidando nos núcleos de ocupação humana do Médio Rio Negro, encontrados em 1995. Nesta ocasião, encontramos, na já conhecida Massarabi, a comunidade de descendentes de Baré capitaneada pelo Seu Nilson, a qual contava cerca de vinte casas, nas quais sessenta e dois habitantes viviam, basicamente, da produção agrícola local.

Em 1913, as habitações dos trabalhadores, avistadas por Carlos Chagas, se lhe afiguravam como de extrema precariedade:

“É desolador o que se observa nas residências dos seringueiros do Rio Negro: pequenas palhoças despidas de qualquer conforto, nelas vivendo grande número de indivíduos na maior promiscuidade”.<sup>62</sup>

Certamente, estas observações estavam impregnadas por

“uma posição etnocentrista que supunha a superioridade racial do branco e que atribuía, em última análise, ao próprio índio, racialmente inferior, a responsabilidade por sua condição”.<sup>63</sup>

As fotografias legadas por esta expedição mostram,<sup>64</sup> contudo, habitações compatíveis com as descrições apresentadas por Galvão, nas quais alerta para o fato de que, à época de sua visita etnográfica (1955), “a moderna habitação” não se distanciava muito, “em sua estrutura e forma”, das malocas tradicionais.<sup>65</sup> O etnólogo enfatiza, ainda, uma mudança radical quanto à ocupação das novas moradias, as quais, “ao invés de uma linhagem de 100 ou mais indivíduos” passaram a abrigar “uma família simples, isto é, homem mulher, filhos e eventualmente, alguns agregados”.<sup>66</sup> Galvão apontou, de maneira detalhada, quais os materiais usados pela população rural, não-indígena, nas suas habitações:

“predominam a palha de ubim, caranã ou injá, a paxiúba, os amarrilhos de envira e cipós; as redes de dormir, de fabricação caseira, usando o algodão e o

---

<sup>62</sup> Cruz, Oswaldo. Relatório. Op. cit., p. 106.

<sup>63</sup> Thielen, E. V. *et alli*. *A ciência a caminho da roça*. Op. cit., p. 120. Apesar desta crítica, o texto exalta uma (in)certa “neutralidade científica do pesquisador”, a qual “cedia lugar à indignação moral do higienista”, diante do “quadro com que se deparavam” os membros da expedição comandada por Carlos Chagas (ibidem).

<sup>64</sup> Idem. Ver, principalmente, pp. 126,127 e 131

<sup>65</sup> Galvão, E. Aculturação indígena no Rio Negro. In: Galvão, E. *Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil*. Op. cit., p. 169.

<sup>66</sup> Idem, p. 170.

tucum; os utensílios domésticos como o pilão, as cabaças e cuias, o ralador de mandioca, o tipiti para espremer a massa, as peneiras e balaies; os aturás e jamaxins para o transporte às costas de cargas; as armadilhas de caça e de pesca; as técnicas de roça e plantas de cultivo, com predomínio da mandioca; os hábitos de alimentação na base de beiju e de farinha de mandioca, o peixe moqueado, o piracuí ou farinha de peixe, o tucupi, a quinhampira, o arubé, a juquitaia, bebidas fermentadas como o caxiri, festa e danças do dabacuri e jurupari, crenças nos maíuas, seres 'encantados', o tratamento das doenças pelos matauari-sara e pajés, são parte da herança tribal, sempre avivada pelos índios que continuam a descer da maloca para o sítio.”<sup>67</sup>

Quarenta anos mais tarde, o antropólogo Sérgio Braga pôde, também, perceber a presença de elementos pertencentes ao conjunto de conhecimentos tradicionais, desenvolvidos pelas etnias do Alto Rio Negro, acerca das matérias-primas e das técnicas de uso que lhes são pertinentes, as quais têm sido empregadas pelos caboclos da região. São exemplos deste saber as habitações construídas com paredes de barro e cobertas com palhas de caraná trançadas.<sup>68</sup> Entretanto, a paisagem já apresentava, nesta época, os sinais da transfiguração étnica que veio se processando num tempo de longa duração. Ambrósio Arantes Viana vivenciou estas transformações, ao longo dos seus trinta e três anos de vida na comunidade São Luís, e, ao ser indagado sobre elas, destacou o fato de que, embora o número de casas permanecesse igual, algumas delas já não possuíam as tradicionais coberturas de palha, substituídas por reluzentes telhas de zinco.<sup>69</sup>

No caso das residências dos aviadores internos, onde as modificações no padrão de vida talvez tenham sido mais notáveis, vemos que, em fins do século XIX, a casa aviadora de J. G. Araújo registrara as encomendas de quatro mil telhas para Hipólito Luiz de Moraes e de três mil telhas para Raimundo Martiniano Nunes.<sup>70</sup> Outras quinhentas foram solicitadas por Braz Ribeiro X. Soares, que justificava seu pedido informando que desejava

---

<sup>67</sup> Idem, p. 138.

<sup>68</sup> Braga, Sérgio Ivan Gil. *Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas* (Relatório de Antropologia). Manaus: 1995 (dig.).

<sup>69</sup> Respostas do Sr. Ambrósio Arantes Viana ao questionário “Percepção da população”. Op. cit.

<sup>70</sup> Arquivo J. G. Araújo: Pasta 503, carta de Souza Filho & Cia., Barcelos, 15/02/1893.

“mandar alguns fregueses para o cacau que dizem haver bastante no Rio Branco”.<sup>71</sup> Esta informação nos leva a supor que os trapiches, onde seriam armazenados os produtos coletados, eram, algumas vezes, cobertos por telhas, e não por palhas.<sup>72</sup> Carlos Chagas, por sua vez, observou que as moradas dos comerciantes do Médio Rio Negro diferiam das demais vistas por ele no interior da Amazônia:

“É curioso referir que as casas e moradas dessas altas regiões do Rio Negro, apesar das grandes dificuldades de transporte, são construídas com tijolos, cobertas de telhas, de regra assoalhadas etc., apresentando conforto sem dúvida maior do que as residências de rios mais ricos como o Purus, o Juruá e o Acre”.<sup>73</sup>

Ele informa, ainda, que, em São José – “uma das situações mais prósperas do rio Negro em sua parte alta” – encontrara “uma confortável residência”.<sup>74</sup> Este dado foi ratificado posteriormente pelo Major Boanerges, que, nesta localidade “outrora florescente”, relatou ter encontrado “uma casa de alvenaria e três barracões”.<sup>75</sup> Em 1995, contudo, D. Maria de Nazareth Ferreira – que nascera naquela localidade em 1943 e ainda vivera na casa antiga – nos deixava o seguinte testemunho, ao percorrer as ruínas que restaram da casa (basicamente os alicerces e alguns pedaços de parede, os quais demarcavam claramente a divisão dos espaços internos):

“Meu quarto era aí, nesse canto aí. Meu quarto... Aqui tinha uma sala de visita. Daqui outra, ali tinha outro quarto e pra lá um corredor. Pra lá, pra trás, ficava uma... onde era a cozinha”.<sup>76</sup>

Segundo ela, no seu tempo de criança “o sítio era todo limpo. Tinha muita gente. Tinha uma escola, as crianças estudavam... Minha tia era professora...”. Moravam ali

“só mesmo meu pai, minha vó, minha tia, meu tio, dois irmãos e eu. (...) Aqui era só a gente que

---

<sup>71</sup> Arquivo J. G. Araújo: Pasta 502, carta de Braz Ribeiro X. Soares, Airão, 14/02/1893.

<sup>72</sup> Há uma outra referência, neste acervo, que acentua esta hipótese. Trata-se do documento Castanhais e Terrenos no Rio Branco, em 1932 (Arquivo J. G. Araújo: pasta 06), o qual reporta a presença, em um terreno de 2.500 m<sup>2</sup>, localizado em Caracaraí, de “uma casa de taipa coberta de telhas de zinco e de palha, com 42 palmos de frente por 100 ditos de fundos”.

<sup>73</sup> Cruz, Oswaldo. Relatório. Op. cit., p. 113.

<sup>74</sup> Idem, p. 111.

<sup>75</sup> Souza, Boanerges Lopes de. *Do Rio Negro ao Orenoco*. Op. cit., p. 18.

<sup>76</sup> Entrevista com D. Maria de Nazareth Ferreira, em São José, 17/08/1995 (CNB 26).

trabalhava. Dali pro lado de baixo, eram outros que trabalhavam. Prá cima também eram outros. Os vizinhos lá de cima que trabalhavam”.<sup>77</sup>

D. Maria morava, à época em que colhemos sua narrativa, na construção de taipa que servira como escola (aquela mesma, à qual ela se referira), e onde, como relatou o cronista, “em um canto da sala de chão de terra, as crianças brincavam no quadro-negro da velha escola, ainda pendurado na parede da casa”.<sup>78</sup>

Ao observarmos a ocorrência de uma perda da qualidade habitacional, entre as famílias dos patrões do Médio Rio Negro, ao longo do século XX, estamos caracterizando, ao mesmo tempo, a verificação de uma equivalente queda do padrão de consumo deste mesmo segmento. Analisando os itens utilizados pela população da seção baixa do rio, no período de auge da borracha, Victor Leonardi percebeu que, a partir de 1885, os comerciantes estabelecidos em Airão não encomendavam mais à firma J. G. Araújo, de Manaus, “apenas produtos ligados à sobrevivência na selva”,<sup>79</sup> passando a constar desta pauta os produtos referentes aos “novos hábitos alimentares e de consumo introduzidos pelos recém-chegados”, incluindo, entre estes, alguns comerciantes portugueses.<sup>80</sup>

Fogões à lenha, construídos de barro, com panelas de ferro e utensílios artesanais de cipó, de barro e de madeira; este era um cenário típico de uma cozinha cabocla de qualquer das comunidades visitadas em 1995. A farinha, ingrediente principal da culinária local, era produzida ali mesmo, assim como quase todos os objetos da cozinha. O peixe ainda podia ser obtido nas cercanias, como nos informou Seu Ramiro, de São José: “Peixe tem sempre. Toda qualidade de peixe: pescado, aracu, piraíba, tucunaré, piranha... Todo tipo de peixe”.<sup>81</sup> Contudo, Seu Nilson, de Massarabi, que vive mais perto de Manaus, tem outra opinião:

“Hoje, tanto faz o peixe como a caça: os caçadores perseguem a caça e os pescadores o peixe. Então vem sendo mais dificultoso para a gente arrumar o que comer aqui no interior”.<sup>82</sup>

---

<sup>77</sup> Idem.

<sup>78</sup> Santos, Fernando S. Dumas dos *et alli*. *Revisitando a Amazônia*. Op. cit., p. 54.

<sup>79</sup> Leonardi, Victor P. de B. *Os historiadores e os rios* Brasília: Paralelo 15/Ed. UNB, 1999, p. 133.

<sup>80</sup> Idem, p. 134.

<sup>81</sup> Entrevista com o Sr. Ramiro Sebastião Lopes. Op. cit. Seu Ramiro vinha a ser marido de D. Maria de Nazareth Ferreira.

<sup>82</sup> Entrevista com o Sr. Nilson Nogueira da Cruz. Op. cit. Esta opinião é compartilhada por outros entrevistados, entre eles, ver: Respostas do Sr. Laurentino Moura Bruno ao questionário “Percepção da população sobre suas condições de vida, de saúde, de saneamento e meio ambiente”. Ilha do Pinto, em

Não havia aparelhos elétricos: nenhum liquidificador, nenhuma batedeira; geladeira, nem pensar. Às vezes, algum enlatado, mas coisas como geléias e gelatinas, manteiga, pão fresco, refrigerantes e refrescos, gêneros tão comuns que hoje são praticamente essenciais para os grupos urbanos, não são usados e, às vezes, nem conhecidos pelos habitantes do rio Negro. Até por isso, a produção de lixo inorgânico é próxima de zero.<sup>83</sup>

A partir das informações obtidas *in loco* e da coleta de exemplares da cultura material das populações visitadas no final do século XX, também foi possível reconhecer os saberes autóctones dos povos nativos da floresta nos utensílios domésticos, em grande parte envolvidos no processamento da farinha de mandioca, como o tipiti, o aturá, o cumatá e os abanos, trançados com fibras vegetais como o arumã.<sup>84</sup> Entretanto, mesmo nesses itens já eram visíveis as adaptações e assimilações perpetradas pelas comunidades rurais visitadas, na sua cultura material, as quais foram ocasionadas pela crescente incorporação de valores urbanos, difundidos a partir de um contato mais estreito com as cidades. São exemplos desta dinâmica cultural, a substituição da cerâmica, por utensílios domésticos feitos de alumínio, o uso das telhas de zinco e a disseminação da adaptação de motores de rabeta ou de popa em embarcações feitas em tronco escavado de itaúba.<sup>85</sup>

---

17/08/1995; Respostas do Sr. Ambrósio Arantes Vianna ao questionário “Percepção da população”. Op. cit.; Respostas do Sr. Hilton Guilherme da Silva ao questionário “Percepção da população”. Op. cit.; Respostas da Sra. Dacir da Costa Mendes ao questionário “Percepção da população”. Op. cit.

<sup>83</sup> Apesar disso, em pesquisa realizada no ano de 1997, o antropólogo Renato Athias percebeu que havia “contaminação do solo e das fontes hídricas, importantes veículos das afecções gastrointestinais que continuam a assolar essas populações”. Segundo Victor Leonardi, Athias atribui o surgimento de “problemas de saneamento extremamente preocupantes nas comunidades indígenas que se tornaram sedentárias”, à criação de animais em moldes inadequados – “reservatórios em potencial de diversos agentes patogênicos” – aliada a uma destinação equivocada do lixo e dos dejetos humanos (Leonardi, Victor P. de B. *Fronteiras Amazônicas do Brasil*. Op. cit., p. 101). Mesmo se considerarmos as grandes diferenças ainda existentes entre o modo de vida praticado nas aldeias e aquele desenvolvido entre as populações caboclas, estas observações traçam um quadro preocupante para toda a região.

<sup>84</sup> Braga, S. I. G. *Relatório de Antropologia*. Op. cit.

<sup>85</sup> Idem. O chamado “motor de rabeta” – uma espécie de motor de popa que possui como característica a fixação da hélice num eixo alongado que pode ser movimentado para cima e para baixo conforme a profundidade do rio – já era conhecido no princípio do século XX. A expedição de Carlos Chagas utilizou-os para subir as cachoeiras do Rio Negro, entre Camanaus e São Gabriel. O cientista se referiu a ele com o termo “motogodile” (Cruz, Oswaldo. Relatório. Op. cit., p. 111).

## BIBLIOGRAFIA

- Benchimol, Jaime L. & Teixeira, Luiz Antônio. *Cobras, lagartos & outros bichos: uma história comparada dos institutos Oswaldo Cruz e Butantan*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ / Casa de Oswaldo Cruz, 1993.
- Benchimol, Jaime L. (coord.). *Manguinhos do sonho à vida: a ciência na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 1990.
- Braga, Sérgio Ivan Gil. *Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas* (Relatório de Antropologia). Manaus: 1995 (dig.).
- Cruz, Oswaldo. *Relatório sobre as condições médico-sanitárias do vale do Amazonas*. Rio de Janeiro, Typographia Jornal do Commercio, 1913.
- Cunha, Euclides da. *Um paraíso perdido: reunião dos ensaios amazônicos*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- Fonseca Filho, Olympio da. *A Escola de Manguinhos: contribuição para o estudo do desenvolvimento da medicina experimental no Brasil*. São Paulo: Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais”, 1974.
- Fundação Oswaldo Cruz; Instituto de Medicina Tropical de Manaus; Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia; Universidade do Amazonas; Museu Paraense Emílio Goeldi. *Relatório de trabalho do projeto ‘Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas: da borracha à biodiversidade. Viagem pelos vales dos rios Negro e Branco, entre 01 de agosto e 09 de setembro de 1995*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1995 [dig.].
- Galvão, E. *Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- Hardman, Francisco Foot. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- Janzen, John M. *The quest for therapy: medical pluralism in Lower Zaire*. Berkeley: University of California Press, 1978.
- Leonardi, Victor P. de B. *Fronteiras Amazônicas do Brasil: saúde e história social*. Brasília: Paralelo 15, 2000.
- Leonardi, Victor P. de B. *Os historiadores e os rios* Brasília: Paralelo 15/Ed. UNB, 1999.
- Lima, Nísia Trindade. Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. V (suplemento), pp. 163/193 (julho de 1998).
- Lima, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan / IUPERJ, 1999.
- Loureiro, A. J. S. *Tempos de Esperança (1917-1945)*. Manaus: Ed. Sérgio Cardoso, 1994.
- Luz, Madel (org.). *Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- Maciel, Laura Antunes. *A nação por um fio. Caminhos, práticas e imagens da “Comissão Rondon”*. São Paulo: EDUC, 1998.
- Martins, José de Souza. A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: Novais, Fernando A. (coord. Geral); Schwarcz, Lília M. (org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

- Mello, J. M. C. de; Novaes, F. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: Novaes, F. (coord. geral) e Schwarcz, L. M. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- Pádua, José Augusto. Biosfera, história e conjuntura na análise da questão amazônica. In: *História, Ciências Saúde – Manguinhos*, vol. VI (suplemento), 793-811, setembro 2000.
- Reis, A. C. F. *O seringal e o seringueiro*. Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 1997.
- Rey, Luís. Dicionário de termos técnicos de medicina e saúde. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.
- Rondon, Cândido M. *Relatório da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas*. Rio de Janeiro, Papelaria Macedo, 1920.
- Santana, J. C. B. de. Euclides da Cunha e a Amazônia: visão mediada pela ciência. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VI (suplemento), pp. 901/917 (set. de 2000).
- Santana, José Carlos Barreto de. *Ciência e arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- Santos, Fernando Sergio Dumas dos & Muaze, Mariana de A. Ferreira. *Tradições em movimento: uma etnohistória da saúde e da doença nos vales dos rios Acre e Purus*. Brasília: Paralelo 15, 2002.
- Santos, Fernando Sergio Dumas dos; Thielen, Eduardo V.; Medeiros, Alexandre; Reis, Rogério; Souza, Flávio. *Revisitando a Amazônia. Expedição aos rios Negro e Branco refaz o percurso de Carlos Chagas em 1913*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, 1996.
- Souza, Boanerges Lopes de. *Do Rio Negro ao Orenoco (a terra – o homem)*. Rio de Janeiro: Min. da Agricultura/CNPI, 1959.
- Stepan, Nancy. *Gênese e evolução da ciência brasileira: OswaldoCruz e a política de investigação científica e médica*. Rio de Janeiro: Artenova / Fiocruz, 1976.
- Teixeira, C. C. *O aviamento e o barracão na sociedade do seringal (estudo sobre a produção extrativa de borracha na Amazônia)*. São Paulo: USP, 1980 (Dissertação de Mestrado).
- Thielen, Eduardo V.; Alves, Fernando P.; Benchimol, Jaime L.; Albuquerque, Marli B. de; Santos, Ricardo A.; Weltman, Wanda L. *A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz/Casa de Oswaldo Cruz, 1991.
- Weinstein, B. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec-EDUSP, 1993.
- Wolff, Cristina Scheibe. *Mulheres da floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999.